

As Quatro Operações do Conhecimento

MD Magno

Trecho de uma seção dos *SóPapos 2014*,
realizada em 08 maio na UniverCidadeDeDeus,
sede da NovaMente.

Recomendei que lessem um texto de Renato Mezan que pode nos servir de questão e de emulação: *Que tipo de ciência é, afinal, a psicanálise?*, publicado no livro *O Tronco e os Ramos: estudos de história da psicanálise* (São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 543 a 575). Ele discute a velha questão que parece ter ficado resolvida com o trabalho de Popper. Entretanto, é apenas a opinião de Popper. As pessoas que não gostam muito da psicanálise tomaram a ideia da falsificabilidade para decidir que ela não é ciência – e junto com a psicanálise foi o marxismo, a astrologia, o espiritismo.

• P – *Popper não diz que a psicanálise não é ciência, apenas faz uma observação pontual sobre a teoria dos sonhos de Freud que, para ele, não é falsificável. Tanto que, em texto posterior, nega que tenha dito que a psicanálise não seja ciência. Aliás, ele é mais peremptório com a teoria da evolução, de Darwin. Dentro de sua perspectiva epistemológica, não é científica.*

Por isso, disse que as pessoas “tomaram” a ideia de Popper para decidir que a psicanálise não é ciência. Não há motivo para se

apropriar de Popper, pois, embora dê ensejo a que se diga este tipo de coisa, ele mesmo não diz. E mais, em artigos posteriores, chama a atenção para o fato de que sua própria teoria a respeito da ciência é uma questão de *crença*. Como diz isto com todas as letras, tenho o maior respeito por ele. É preciso acreditar, pois como provar que é isso mesmo? É apenas uma teoria de avaliação dos discursos para saber se os consideramos científicos ou não.

Mezan faz um longo apanhado da questão – ciências do espírito, ciências da natureza... – para chegar a uma acomodação absolutamente indébita, diplomática. Ele poderia deixar em suspenso, mas diz que, já que chamam a psicanálise de ciência humana, já que parece, mas não é, ou é e não parece, vamos considerá-la ciências humanas. Tenho em mãos aqui um grosso dicionário das ciências humanas, dicionário francês de pessoas que estudam este tipo de coisa, bem produzido, *Le Dictionnaire des Sciences Humaines*, organizado por Sylvie Mesure (Paris: PUF, 2006, 1328 p.) – e naturalmente lá está a psicanálise como ciência humana. Não faço a menor ideia do que possa ser ciência humana. Existe ciência de macaco, ciência produzida por não humanos? Para mim, se é para chamar de ciência humana, todas as ciências o são. Os autores talvez queiram dizer que existem ciências que estudam o homem e ciências que estudam a natureza, mas quem estuda a natureza senão o homem? Já vai longe o tempo em que acreditávamos que havia passagem de natureza a cultura, coisa a que Lévi-Strauss e o estruturalismo se

apegaram. Chegou-se mesmo a conjecturar que, no caso da psicanálise, a passagem de natureza a cultura estaria ali pelo Édipo. Isto, para quem ainda acredita em Édipo, ou acha que pode utilizá-lo. Ficou, então, na cabeça das pessoas, talvez por questões advindas principalmente de religião, que há um negócio chamado natureza e outro chamado espécie humana – como se a espécie humana não fosse um Artifício Espontâneo como qualquer outro. A não ser para aqueles que acreditam que papai-do-céu, para além da natureza, criou Adão e Eva... Mas estes dois também costumam sentir tudo que a tal natureza sente, fazer tudo da mesma maneira.

Coloquei esse artigo como preâmbulo para conversar sobre nossa proposta, chamada: **NovaMente**. Já estamos aqui acostumados a saber que ela não mais distingue as coisas dessa maneira e tampouco de qualquer outra maneira conhecida até agora. Nossa distinção é: Haver e não-Haver, Lei e funcionamento da formação, Haver desejo de não-Haver. Todas as fronteiras foram abandonadas e junto com elas a utilização do conceito de sujeito bem como o de objeto. Por isso mesmo, são retiradas as fronteiras, o sujeito e o objeto. No primeiro caso, retiradas as fronteiras, há que pensar em termos de polaridades, com seus focos e suas franjas, pois, lá no longínquo, em não havendo fronteiras, deve haver até uns cruzamentos e misturas franjais com as demais formações, já que consideramos o Haver como homogêneo. Considerar assim quer dizer que “o Inconsciente é estruturado como uma linguagem”, ao que acrescentei a pergunta: mas o que não é? Isto,

desde que se trate o Haver como o Inconsciente. Então, Lacan está certo, pois o Inconsciente a que ele se refere é o das pessoas. Mas estou dizendo que o Haver é o Inconsciente, e é estruturado como linguagem, sim, em qualquer lugar em que você esteja. Não havendo, portanto, distinção alguma, quanto aos fundamentos e as estruturas de base, entre uma língua como linguagem e uma estrutura biológica ou uma estrutura geológica. Tudo é da mesma ordem. Resta saber como as informações se organizam em cada caso.

Não sei se é muita pretensão – e se for, estou pouco me lixando – fazer a suposição de que dizer essas coisas, para além de ser a reformatação da teoria psicanalítica, é a *produção de um novo paradigma*. Um paradigma novo produzido a partir da psicanálise. Digo isto porque é preciso mudar radicalmente de posição mental para poder pensar esse processo. Nunca insisti muito nisto para as pessoas irem se acostumando, mas, sem esta mudança, não se entenderá o que está dito. A psicanálise – e isto vale para outros pensamentos – não é ciência da natureza ou ciência humana. **A psicanálise é um modo de pensar e de articular com sua visão própria** – e que, como veremos adiante podemos chamar de ciência da natureza, ciência humana... A psicanálise é uma ciência? Sim. É uma arte? Sim. É uma religião? Sim. (O pedaço mais difícil, aliás, está aí quanto à religião). Com esta mudança de posição, uma série enorme de questionamentos passados fica absolutamente inutilizada. Por exemplo, repetindo, a questão de natureza e cultura. Usando nossos termos, diremos que esta nossa

espécie é uma produção do Artifício Espontâneo. A articulação espontânea gerou isso aí. Entretanto, este nosso boneco – que é tão natural, se ainda quisermos dizer assim, quanto qualquer planta, qualquer pedra, qualquer animal – veio com uma formação diferente, uma repetição do modo de funcionamento do grande Haver, com seus processos de Revirão e de Alei Haver desejo de não-Haver. Não conhecemos outra espécie que tenha passado pelo mesmo processo, mas, se for uma IdioFormação, em qualquer lugar será a mesma coisa. Seja qual for seu Primário lá produzido, trata-se de um Artifício Espontâneo, o qual, por repetir o processamento de produção que há no Haver, começou a virar pelo avesso seu processo de crescimento. Podem chamar darwinisticamente de processo evolutivo. Esta formação começou a produzir do mesmo modo como o Haver se produz, não tem fronteira alguma, não tem o Haver enquanto Artifício Espontâneo diferentemente do Haver como Artifício Industrial. Simplesmente, na repetição, esta espécie – suponho que haja outras pelos universos por aí – começa a produzir do mesmo modo, mediante Revirão.

Portanto, não há fronteira alguma, mas simplesmente o ressurgimento do Haver dentro de si mesmo: é a mesma coisa, é tudo homogêneo. Isto é um pouco mais radical que mesmo as filosofias da imanência: é tudo o Mesmo, é um **Monismo** radicalíssimo. A dualidade, esta, nasce no seio da composição monística. Ela aparece ali por recalque, por limitação. Se conseguirmos por alguns momentos

suspender a limitação do ponto de vista mental, por exemplo, começaremos a inventar, a produzir coisas que não compareciam espontaneamente no Haver, mas que, depois de passarem, são tão espontâneas quanto as do Haver. Ou seja, como são produzidas mediante alguma espécie repetidora do processo, chamo de *industrial*, feitas por esta nossa espécie, mas, no genérico, são a mesma coisa. Vejam, então, que, para nós, a questão de existirem discursos chamados por aí de científicos, artísticos, etc., não tem importância alguma. Veremos que uma das especificidades da MetaPsicologia, que chamamos Psicanálise, é funcionar em qualquer registro no mundo, coisa que os outros modos não conseguem, pois têm que ter registro próprio. Para nós, eles conseguem também, basta lê-los de nossa maneira. Paremos, portanto, de pensar em termos de território e pensemos em termos mais energéticos. Não nos interessa qualquer fronteira que alguém venha a traçar para fazer seu próprio chiqueirinho.

Interessa, sim, que qualquer formação ativa ou resistente no seio do Haver é *polar*, aquilo se polariza, e se é polar, *focaliza-se* algum pedaço. Se fizermos um círculo de Euler em volta, criaremos uma fronteira, mas, para nós, esta fronteira não há e acho que não há de fato. Portanto, reconhecemos *polos*, até mesmo as pessoas são polares; reconhecemos *focalização* possível nestes polos; e reconhecemos sua, talvez infinita, *franja*. Por isso, já que é assim do ponto de vista, digamos, da topologia geral do Haver, não podemos pensar em termos

de sujeito e objeto. Se estamos tratando, talvez por ser a maneira mais adequada, o Haver desse modo, precisamos de uma teoria para lidar com ele. Pareceu-me, então, que a melhor forma seria construir uma **Teoria Polar das Formações**, na qual não há ninguém subjetivamente do lado de cá considerando formações, e sim formações disponíveis aqui para nós que transam com outras formações. As Pessoas são formações compostas de três polaridades: Primário, Secundário e Originário. Lembrar sempre que isto é heurísticamente uma produção de tentativa de entendimento – e é uma teoria, mais nada. Outras coisas que não temos são natureza e artifício. O que temos são, como disse há pouco, *Artifícios* – Artifício Espontâneo e Artifício Industrial – produzidos, se produzindo e sendo produzidos como Formações. *Formação* é o nome genérico para o que houver. Resta tentar entender essas formações mediante outras que temos – não temos coisa melhor –, descrevê-las e procurar em que escaninho as enfiar.

Estamos vivendo uma época de absoluta ruptura real nos funcionamentos de mundo, mas com todas essas fronteiras. Ainda estamos muito sintomatizados, chamando uma coisa de ciência, outra de arte, etc. Olhado pelo funcionamento do século XXI, do Quarto Império que está entrando, isso não vale mais, embora as pessoas estejam lá trás repetindo a velharia. Joguemos esses nomes no lixo e vamos entender que temos formações transando com formações e que não só não temos como reconhecer fronteira alguma a não ser aquela

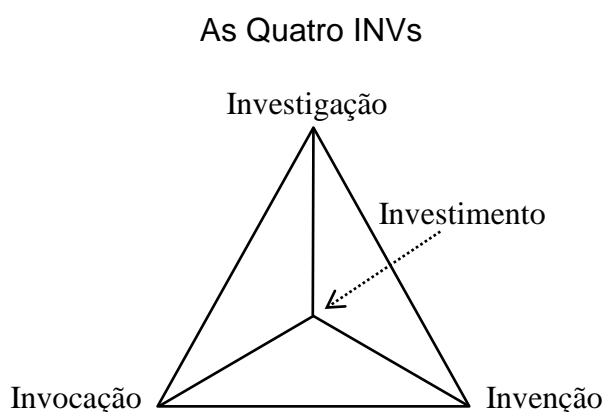
artificialmente até o século XX em que há alguém que diz que isto é isto assim-assim, como qualquer fenômeno de hoje ou antigo, observado segundo a perspectiva atual, é misto, tudo misturado lá dentro.

14

Quero agora colocar algo novo, que nos dá base para pensar a **Gnômica** e pensar como opera a psicanálise. Isto não é uma epistemologia, uma teoria da ciência ou uma teoria limitadora no sentido de conhecimento – e sim que *o que quer que se diga é da ordem do conhecimento*. Repito isto que já disse há bastante tempo insistindo em que cabe saber como esse conhecimento funciona e como se produz. Quero, então, falar-lhes, sucintamente por enquanto, sobre **As Quatro Operações do Conhecimento**. À guisa de epígrafe, cito Einstein que, de vez em quando, diz umas besteiras enormes – como qualquer um de nós, aliás –, mas que afirma algo que nos interessa: “Todas as religiões, artes e ciências são ramos da mesma árvore”. (Parece até o título de livro de Mezan de que falamos antes: *O tronco e os Ramos*).

As quatro operações estão todas presentes em qualquer produção de conhecimento. Ou seja, não é que certos conhecimento têm estas quatro operações, e sim que qualquer conhecimento as inclui: elas estão presentes em *qualquer* conhecimento. Já que é assim, desenho

um tetraedro que, como sabem, é o menor poliedro possível na teoria de Euclides. Metaforizo com um tetraedro porque, se retirarmos qualquer dos vértices, o destruiremos. Então, se as quatro operações constituem um conjunto que está presente em todo e qualquer conhecimento, inscrevo-as no tetraedro, digo que não posso retirar nenhuma e, ao considerar qualquer conhecimento, devo procurar onde está cada uma. A diferença é que algumas podem ser mais fortes ali, menos fortes aqui, mais ou menos desenhadas, mas estão todas presentes. Chamo essas operações de: *Investigação*, *Invenção*, *Invocação* e *Investimento*:



São as quatro INVs: Investigar, Inventar, Invocar e Investir. Essas quatro operações constituem qualquer conhecimento, do mais idiota ao mais complexo, do mais errado ao mais certo. Quando um conhecimento está errado também é conhecimento. Tanto é que cientistas passaram séculos e séculos corrigindo a besteira do anterior, que era então um conhecimento importante. No tempo em que a Terra era o centro do universo, isto era um conhecimento. Foi conhecimento

suficiente para determinada religião potente usar até para matar pessoas. Então, não é um conhecimento? Por isso, digo que o que quer que se diga é da ordem do conhecimento. Pode ser conhecimento imbecil, mas é. Ou será que o conhecimento de hoje não é uma imbecilidade? A ciência de hoje não poderá, daqui a cem anos, ser considerada imbecil? Quando lemos cientistas antigos não lemos muita besteira? Todos que tentam fazer algo podem ter a certeza de estarem fazendo oitenta ou mais por cento de besteira, mas, sem tentativa, nada anda.

Escrevi as quatro operações sobre um tetraedro para ser simples como Euclides. Aqueles que gostam do famigerado nó borromeano do Dr. Lacan podem escrever sobre o nó borromeano de quatro. Chamar de nó está errado, são *cadeias* borromeanas, que podem ser infinitamente grandes. Podemos fazer uma cadeia borromeana de milhares de anéis, e basta tirar um que o resto desmonta. Ao aparecer na família Borromeu, o nó depois chamado de borromeano foi tirado da ideia de Santíssima Trindade: pai, filho e espírito santo – se tirarmos algum, estraga tudo. Lacan tomou isso tudo do cristianismo, continuou a fazer cadeias borromeanas, e mais o que fez com a topologia, que me parece exacerbado, inútil, uma complicação dos diabos para nada. Ele gostava de se divertir com aquilo, o quê se há de fazer?

Comecemos pela **Invocação**, que tem potência mais antiga. Não que fosse a única operação, todas as quatro lá estavam, mas me parece

que teve a mais antiga hegemonia. Observem que outro tipo de produção de fronteiras não mais utilizada por nós é aquela entre religião e ciência por ser, sobretudo, a tentativa de achar que outros conhecimentos que não os científicos, os cientifizados, não são conhecimento. Alguns costumam desqualificar a religião em nome dessa tentativa de cientifização, mas *a Religião é a ciência que então se podia fazer*. É muito antiga e permanece até hoje. Ao dizer “antiga”, não é preciso necessariamente ser uma religião, é, sim: colocar-se diante do Haver e do Mundo mediante, sobretudo, a *Invocação* (do latim *invocare*). A respeito dela, podemos fazer a suposição de passividade, de recepção. Olhava-se para o Mundo, perguntava-se ao Haver o que ele era e ficava-se na esperança de que ele se revelasse. Isto desde o homem da pré-história nas cavernas de Lascaux, que é onde colocavam deuses. Olhavam para o búfalo que queriam comer – como se come Deus até hoje ao tomar uma hóstia na igreja: come-se o cara, virou búfalo –, tinham pavor dele por ser um animal ferocíssimo, e pediam que se revelasse para eles. É uma atitude que vai dar em núcleo da religião. Considero aquelas cavernas pré-históricas, com a chamada pintura parietal e aquelas esculturinhas, uma catedral. Ou, se não, um shopping center. São a mesma coisa.

Trata-se da suposição de passividade, de, demandantemente, achar a revelação trazida de lá para cá. O que chamamos de revelação é algo elaborado sem noção de estar sendo elaborado, como se viesse de fora totalmente. É claro que não há essa revelação, e sim que a

posição, a postura de invocação, de demanda, isto é, as formações de cá, transam com alguns traços das formações de lá e constituem um tipo de conhecimento, uma transa entre formações. O que querem é conhecer a realidade, estão pedindo que o búfalo se revele para o dominarem, pois não são bestas. Então, toda vez que estivermos diante de um Deus é para nos aproximar, roubar tudo que Ele tem, para constituir um saber a seu respeito – é um conhecimento. Nada temos escrito daquela pré-história, mas como se expressavam mediante desenhos, pintura, esculturas, objetos, ferramentas, podemos entender como estavam constituindo o conhecimento do Haver e do Mundo deles. Isto é conhecimento (a epistemologia não manda aqui em nossa consideração).

A suposição maior é de haver *Transcendente*. Não é preciso ser sofisticado como o transcendente que é para além do Haver, é a relação de transcendência para com as formações que são observadas. A relação é que é de transcendência. A transa é de fazer suposição de transcendência e ser “passivo” como recepção da revelação. Encontramos isto na mais primitiva posição pré-histórica e na mais sofisticada religião, ou na mais sofisticada filosofia que sustenta a transcendência. Pior, mesmo na filosofia que sustenta veementemente a imanência. Nela, qual é o lugar desse Imanente? A transcendência de Espinosa é a imanência da Natureza. Vejam que filósofos não têm o direito de dizer a frase que acabei de dizer. Posso dizê-la por não ser filósofo. Para Espinosa, a imanência radical da Natureza é Deus. E só

por dar este nome, já colocou como imanência radical que é a transcendência que ele pode ter. Como sabem, generalizei radicalmente o conceito de Pulsão. Para mim, só existe uma Pulsão que arrasta todas as outras. Então, diferentemente de Freud, Lacan, etc., posso falar em **suposição de Pulsão transcendental**.

Aqueles primitivos, então, supõem receber tudo de graça. Se o animal se revelou, é uma graça, é a graça divina, é de graça. Ficam achando que o animal se revelou para eles por não perceberem que estão operando, que suas formações estão operando aqui. Como só notam a transa, acham que foi o animal quem disse para eles, assim como há gente que até hoje escuta a voz de Deus. Há maluco para tudo, graçasadeus...

• P – *É de se notar a importância atribuída aos sonhos como esse momento de resposta.*

De revelação. Eles demandam, de noite sonham – e Deus falou com eles. Ou, se não, foi o bisonte, a onça... Essa é a postura que chamo de Invocação, que é a que mais facilita a produção de religiões. Não estou dizendo que seja apenas ela, todas as operações estão lá, mas é esta que facilita que se produza polar e focalmente o que chamamos de religião. Então, a ciência mais antiga é religião, a arte mais antiga é religião. Por isso, Lacan dizia que a religião sempre vence. Não tem jeito, pois essa invocação é velha e pré-histórica dentro da gente. Qualquer criança sabe disso quando grita: Mamãe!

A outra operação, que me parece ser a segunda mais antiga como potência, é o que podemos chamar de **Invenção**. No latim, o verbo *inventare* é oriundo do verbo *invenire*. Isto é importante por haver uma confluência, ou seja, as coisas vêm juntas, chegam aqui: pego as coisas e trago para o mesmo lugar. Meto a mão em formações: nossas formações aqui se apoderam ou transam com certas formações e elas começam a querer brincar como fazem as crianças, começam a inventar, a juntar alhos com bugalhos e a proliferar. Os artistas religiosos das cavernas de Lascaux estavam *inventando* a pintura para poder exprimir para os outros a revelação que obtiveram. Sabemos que sempre há uns que vêm primeiro, que dizem para fazer uma catedral, colocar uns bisontes, que é assim que Deus fala com a gente... Quem acreditar, entra naquela. Diferentemente da posição da Invocação, a Invenção é ativa. Não está recebendo, ela recebeu uma revelação e agora vai agir com o *invenire* para juntar um modo de exprimir aquilo. É claro que há passividades aí no meio, mas a posição da Invenção é ativa, é juntar alhos com bugalhos para ver se dá... É o que está no cerne da ideia que temos de criação, de criatividade. Quando falam no Haver como criação, estão supondo que há uma pessoa que o criou. A criação é conseguirmos exprimir algo – novo ou velho –, é uma atividade, não é apenas receber. O artista pode ter revelações, mas o que pode fazer como arte não é uma revelação, e sim uma Invenção, uma produção dele, das pessoas.

• P – *Aí começa o espaço agonístico, pois a expressão não vai necessariamente combinar com a revelação.*

E aí um começa a dizer “não foi assim que eu vi, não foi assim que Deus me disse”. Depois, arma-se uma guerra para ver o que Deus disse. Até hoje, mulçumanos e cristãos entram na porrada por causa do mesmo Deus. Se cada um escutou uma coisa diferente, o que fazer?

A operação da Invenção, quando é hegemônica, é o que facilita o que chamamos de **Artes** em geral. Alguém começa a articular coisas, às vezes sem o menor sentido. Pode chegar a ser uma articulação sem sentido prévio, vai-se dar sentido depois. Os surrealistas, que acreditavam muito na noção de invenção arbitrária, de articulação arbitrária, ficavam jogando o joguinho chamado *cadavre exquis*. Quando éramos crianças, sem saber o que era surrealismo, brincávamos disso. O nome foi criado fazendo o jogo, é o *cadáver delicado*, que não quer dizer nada. O jogo é: escrevo o começo da frase, outro escreve a continuação e assim por diante. Depois, lemos a frase inteira e teremos que buscar o sentido, pois não tem sentido prévio. O brinquedo pode ser a partir de certas funções de significância ou não, pode ser simplesmente de araque e simplesmente aproveitarmos esse araque para transformar num sentido. Foi uma atividade que pode ser sem sentido, mas que vai receber sentido. Basta ver os surrealistas da música, da pintura, da poesia, das artes em geral. O que Salvador Dalí, por exemplo, fazia era juntar loucuras num quadro só de araque. Se quiserem saber qual é o sentido, inventem,

pois ele não sabe. A invenção propicia podermos partir de um sentido que já temos ou simplesmente fazer *nonsense*. Entendamos, portanto, que são operações mentais diferentes: numa suponho estar recebendo uma revelação, noutra começo a *brincar* – este é o verbo melhor para isto – com ou sem sentido.

A **Investigação** parece-me, em sua hegemonia, bem mais recente. Não que já não estivesse lá nas outras operações, mas, como hegemonia, é mais recente. *Investigare* é uma atuação, ativo/passivo. É quando se começa a fazer o contrário praticamente da Invenção. O investigar é mais analítico: diante de algo, começa-se a abri-lo, a querer saber quais articulações lá estão, a querer descrever e entender. Notem que as três operações de que falei são bem diferentes. Numa, suponho receber, pois a elaboração foi totalmente inconsciente; na segunda, estou brincando de juntar e ver o que sai; e, na terceira, estou desmontando para descrever. Esta será uma boa investigação quando puder montar de volta. Criança faz muito isso, ganha um brinquedo, brinca e depois quebra só para olhar para ver como é por dentro. Eu quebrava até as bonecas da minha irmã... e ficava estudando anatomia. Não quebrava de araque, queria saber como eram feitas. Investigação é, pois, a descrição e o entendimento da articulação, tanto do Artifício Espontâneo quanto do Industrial. As posições que fazemos na investigação são: suposição de algo, produção de hipótese, verificação, prova, tese... É também vontade de imanência, pois não se vai desmontar o transcendente, fica um pouco complicado. Numa

atividade de investigação, para entender o que quer que seja, imanentizamos. Deus, por exemplo. Imanentizamos e podemos transformá-lo num bisonte, numa...

- P – ...*ética* more geometrico, *como é o caso de Espinosa*.

É uma investigação. Mesmo sendo transcendentalistas buscando fazer uma teoria sobre o transcendente, estaremos imanentizando, queiramos ou não. Isto é Vontade de Imanência. A hegemonia da operação de Investigação é a que mais facilita o que chamamos de Ciência.

À última operação, sem a qual as outras também não funcionam, chamo de **Investimento**. *Investire*, no latim. É uma atividade, uma posição ativa, que significa: colocar nossas forças, nossas energias, nosso tesão, nossa pulsão em algo. Ou seja, fazemos uma aposta porque estamos colocando tesão naquilo. Se formos mais abstraídos, faremos um Juízo Foraclusivo, retiraremos algumas coisas para investir ali naquele pedaço, é uma *aplicação* de nosso tesão: é onde investiremos a pulsão, onde produziremos fiança, onde tentaremos constituir confiança. Ou seja, é *Transferência*, a qual é da ordem do Investimento. Mas pode ser também uma *crença*. O que cria uma crença é o Investimento, e não a relação de recepção, de invenção ou de perquirição. O tesão aplicado cria tudo isso e cria uma crença. Notem que grande quantidade de autores que trabalha com epistemologia diz que o conhecimento é uma crença. A meu ver, isto é uma tolice, pois não é preciso de crença alguma para lidar com o

conhecimento. Podemos simplesmente *apostar*. Precisamos, sim, de investimento pulsional. Mas quando começamos a acreditar, quando vira uma crença, trata-se de quê? De *adoção sintomática de um conhecimento*. Não é pelo investimento que se vê que é uma crença, e sim por se estar investindo sintomaticamente, sem distância alguma. É o sintoma que está vigendo naquela pessoa. Notem que é possível ter crenças como cientista. Quanto a mim, sou razoavelmente saudável, não *creio* na psicanálise. Não é preciso crer, pois temos ferramentais, instrumentos para operar e ir observando. Se algum dito analista colocar crença, é melhor seus analisandos irem embora, pois ele é uma pessoa perigosa.

- P – Investimento *estaria mais próximo de como você define a Fé?*

Mais antigamente, botar *fé* não tinha necessariamente a característica religiosa. Botar fé é apostar. Vocês estão aqui sentados, de algum modo estão apostando na Nova Psicanálise – e, por favor, não creiam, não acreditem em nada do que estou dizendo.

Podemos, portanto, fazer o tipo de jogo que quisermos. Tratem qualquer formação que encontrarem como um conhecimento constituído e tentem conversar com essa formação para lá verem o *quantum* de invocação, de invenção, de investigação e de investimento. Isto, para observarem a posição e quais materiais lá estão. Estão investindo no quê? É diferente investir numa coisa e investir noutra. Quais formações merecem esse investimento, essa

investigação? É aí que começa a aparecer o conteúdo. O conteúdo do conhecimento depende das formações escolhidas para serem conhecidas e, certamente, das formações com as quais se tenta conhecer. Reparem que não há sujeito ou objeto aí.

- P – *Para invocar, inventar e investigar, é preciso investir?*

Não posso ficar livre desse tetraedro. Não posso invocar, mesmo que não tenha consciência disto, sem alguma invenção – estou supondo que vem de lá para cá, mas estou inventando –, sem alguma investigação – o que é e o que não é isso? –, e sem algum investimento. Não há uma operação dessa sozinha. Por mais que algo pareça pura revelação, procurem que verão que tem suposição de revelação, suposição passiva de satisfazer sua demanda com algo que veio de lá. Por que achou de invocar isto e não aquilo? Quando a coisa chega à sua mão, a pessoa tem mil explicações. Basta abrir tratados de teologia ou conversar com um espírita que vemos como são cheios de investigações. Allan Kardec, por exemplo, é o Schreber do espírito. Eles até se parecem fisicamente. Não há, portanto, um procedimento de conhecimento, algo que vamos dizer, que não tenha as quatro operações em jogo. Às vezes, tem alguma operação pequenininha, mas está lá. Não dá para pensar qualquer coisa sem uma dessas operações.

- P – *Não haveria diferença entre arte e ciência?*

Não tratemos assim esta diferença, pois vira fronteira. É possível cheirar certa investigação na arte, pois tem isso lá. No Renascimento,

por exemplo, temos um vetor investigativo forte na chamada Arte. Foram eles que trouxeram o conhecimento da anatomia, da visualidade, da geometria euclidiana enquanto projeção, da perspectiva... Isto por acharem que não podiam fazer arte sem ciência, que não podiam inventar sem investigação. Estava tudo junto lá. Vejam, então, que estou paradigmaticando de certo modo a ideia de conhecimento, que, como sabem, para mim, é: o que quer que se diga é da ordem do conhecimento e se produz mediante quatro operações, todas presentes. Se não pensarmos assim, como escutar um analisando que, às vezes, está inventando, delirando, investigando?

• P – *Se a invocação já vem com uma crença, já pressupõe algum investimento, alguma investigação, alguma invenção, por que distingui-la?*

Está tudo junto. Não esquecer que isso é uma *teoria*, a qual está inventando que, mediante investigação, investimento e mesmo invocação, estamos invocando o saber. Pensamos estar fazendo, mas estamos é recebendo espíritos. Esquecemos que somos uma marionetezinha que está recebendo coisas. Aí que Allan Kardec pensa que é mesmo, que o espírito veio, pois a investigação dele é fraca. Quando temos a pretensão de estar dizendo, é pura paranoia. Não estou, eu, dizendo, e sim: algo se diz aqui. Se quiser pensar que baixaram uns espíritos, posso fazê-lo, não é proibido. Então, é heurística e tecnicamente que faço a separação de operações que estão em jogo. Não vamos investir sem invocar. Estamos invocando a sorte.

Ao jogar na loteria, estamos invocando quem? A Deusa suprema, Kaganda Iandanda, é que nos dará o prêmio ou não. Mas há uma invocação, não tem jeito. Como estamos numa posição egoica, investimos na boa sorte, mas, em vez da boa, pode vir a ruim. Procurem em cada caso que acharão, pelo menos, essas quatro operações.

• P – *Como é o caso do pensamento místico?*

É a desculpa que, nas religiões, tiveram para invocar Deus diretamente e se aproximar diretamente d'Ele. Está certo, pois é só o que se faz. Digo que *a psicanálise tem um estatuto místico* por ela ter essa invocação. Podemos tirar o Deus, como já lhes mostrei. Suponho, teoreticamente, que, em qualquer coisa que se diga ou faça, não há como se afastar das quatro operações.

Continuando minha exposição, quero lembrar algo que não tem a ver diretamente com meu teorema, mas que tenho afirmado frequentemente: *não há universais*. Vou agora inventar um conceito novo.

• P – *Mais um?*

Tem que saber brincar, quem gosta de brincar, inventa...

Como não há *universal* em nosso repertório, peço que o substituam pelo conceito de **Quase**. O conceito de universal é uma imbecilidade. Lacan tentou cair fora dele falando em Não-Todo (*Pas-Tout*), dizendo que o Paratodo é uma postura de limitação... Na verdade, o Haver é não-todo, é Quase-universal. Então, assim como há

os conceitos de *quali* e o de *quark*, temos agora o de *Quase*. Quando me perguntam se vou bem, respondo: quase. Imaginem se a pessoa disser que vai bem e cair dura, será um vexame. É melhor dizer *quase*, que, para mim, é um conceito.

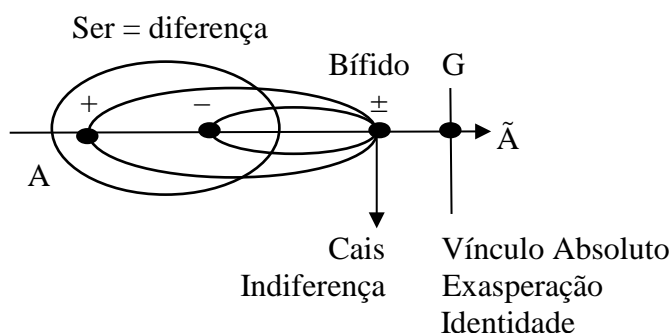
• P – *O conceito de Quase é primo-irmão do “é melhor não”, de Bartleby.*

O “melhor, não” é *quase* nada. Se fosse *nada*, sequer haveria o conto de Melville.

• P – *Poderíamos falar de uma “Querela dos Quase”?*

A coisa mais engraçada é ler os medievais. Morremos de rir com o livro de Alain de Libera, *La Querelle des Universaux: De Platon à la Fin du Moyen Age*. Não há universais, quase.

Pergunto agora, de novo: O que é a religião? É fundamental entender a religião, pois os primórdios do conhecimento são de base religiosa. Vamos ao nosso velho Revirão:



Nas línguas de origem latina, filósofos e teólogos inutilmente discutem se religião vem de *religare*, ‘tornar a ligar’, ou de *relegere*, ‘ler de outro modo’ ou ‘voltar a ler’. Na ordem do *Ser*, onde aparecem

as oposições, onde tudo é binário por causa da *Spaltung* dentro do próprio Haver, estamos diante da Diferença irreduzível: não podemos igualar nenhuma coisa a outra coisa, uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Não há sequer possibilidade de igualar uma significação, um significante, o que quiserem, a outro. Qualquer igualação é forção. Quando se diz que os homens são todos iguais perante a lei, é uma baita mentira mediante a qual forçamos ser respeitados. Os homens não são iguais perante coisa alguma. Não é uma questão de igualdade, há Diferença radical. Quando quiseram manejar essa diferença como igualdade no discurso jurídico, tiveram que apelar, antes de mais nada, a quê? A Deus. O velho conceito de Deus é que dava igualdade entre os homens, pois, considerando as pessoas, não há possibilidade de achar alguma igualdade. Só achamos diferenças, ainda que qualitativas ou quantitativas. Por isso mesmo, certa vez disse que *a homossexualidade é impossível*, pois nossa espécie tem a anatomia sexual como *apenas uma* variável. A sexualidade tem muitas variáveis. A homossexualidade não é possível dentro do Mundo, dentro do Ser. Se tomarmos um elemento e outro e dissermos que são iguais, ao medir direitinho, veremos que não são. (As mulheres, sobretudo, sabem disto. Daí que a inveja do pênis é genérica. Todos têm inveja do pênis. Disseram que era das mulheres, mas vejo mais nos homens).

Quer isto dizer que a homossexualidade não existe em lugar algum? Existe, sim. Vou lhes mostrar onde ela vige. O Cais Absoluto

é o lugar *desde onde* consideramos a exasperação que há entre Haver e não-Haver. Como o não-Haver não há, toda vez que alguém se aproxima de algum modo desse Tesão, que é igual à pulsão genérica do Haver, fica exasperado ou angustiado. É uma exasperação que qualquer um já deve ter sentido. Como tentamos acalmar a exasperação quando nos aproximamos disso? Mediante alguma invenção de *Gnoma* (de ponto *G* no desenho acima). Viramo-nos para inventar um gnoma para colocar no lugar do Gnoma, que, este, é o nome genérico de qualquer coisa que possa ser endeusada, mediante religião, mito, o que quiserem. Por exemplo, um cientista que se aplica à ciência está tentando acalmar seu desespero, sua exasperação. Mesmo que diga que não é religioso, que não acredita em Deus, é mentirinha, pois a ciência virou Deus para ele: ele se ajoelha para ela. Leiam, segundo esta perspectiva, a frase de Einstein: “Deus não joga dados”. O que a psicanálise faz é não ficar procurando esse Deus em lugar algum, pois sabe que se inventa algo para fazer barreira à exasperação de não conseguir não haver. O que dói é Haver, não-Haver não dói. Perguntem para o Bartleby, ele que fazia de conta que não ia doer, que não ia haver. A concepção dessa exasperação, quando está muito forte, muito investida, é a base para a produção de uma religião. Sempre que se leva em consideração essa exasperação e se coloca qualquer coisa no lugar, esta atitude é o fundamento de uma religião.

Repetindo, qualquer tipo de expressão, de manifestação, científica, artística, etc., tem necessariamente a vontade de religião, a qual vem mediante: invocação e investimento nessa invocação; invenção de um aparelho religioso; e investigação, que pode ser ir aos textos antigos (a Bíblia, por exemplo, basta ver a quantidade de religiosos, de teólogos na história do cristianismo, do judaísmo e do islã e sua intensa investigação de textos do passado). Mas é, sobretudo, investimento em acalmar a exasperação. Isso está em outros lugares também, não está fora de nada, mas é o fundamento “mais fundamental” de uma religião. É em cima disso que se inventa uma religião. É o que Lacan estava querendo dizer com “a religião sempre vencerá”. Eu já lhes disse: *Psicanálise: Arreligião*. Se ela conseguir isto, dominará o mundo. Só que a *Arreligião* está escrito junto. Então, como é possível a produção de algo que tenha a mesma força, a mesma constituição obliterante, a mesma trolha para esse lugar, que funcione como funciona numa grande religião, que possa ser distribuída a uma grande quantidade de pessoas, mas sem ser imbecil e tenha a cepa do pensamento psicanalítico? Só assim a psicanálise venceria. E não adianta fazer força agora, pois viraria religiõzinha de merda. Isso é para acontecer perto do Quinto Império, se houver. Importa para nós, hoje, saber que não há produção alguma de conhecimento sem todas as categorias de operação de que estou falando.

Algo a fazer é, por exemplo, analisar nossa própria religião, que está escondida dentro de cada um. No passado, colocou-se uma religião para tranquilizar a exasperação. Digo “no passado”, sobretudo, porque, hoje, coloca-se tudo nesse lugar: mitologias as mais diversas, marxismo, até o freudismo... Ao falar em Arreligião, estamos também tentando disseminar para religar o quê? Onde está o *religare* dessa atitude? Trata-se de sair da diferença, não ter como entrar na igualdade, a não ser por forças textuais, e procurar a **Identidade**. Onde todos somos idênticos? No Cais Absoluto. E quando procuramos aproximar a Identidade, estamos sendo religiosos. É isto que uma religião tenta: a Identidade de todos. No lugar da Identidade, todos estão vinculados, é o Vínculo Absoluto. Digo que o fundamento da psicanálise é místico porque, no que ela se afasta cada vez mais do Mundo para pensar o Imundo e a relação com este Mundo, está querendo a Identidade de todos. E isto é uma operação das religiões. Acho que, não sei onde, Freud disse que a psicanálise veio substituir as religiões. Está correto. Então, como podemos assentar uma Arreligião como a psicanálise? Entendendo o processo de aproximação do Cais Absoluto; entendendo o processo de identificação de todos, de uma Vinculação Absoluta – fora do Mundo, pois não há isto no Mundo –; e entendendo onde se é radicalmente homossexual. Ao contrário de Lacan, que colocou os homens como homossexuais e as mulheres como hetero, estou dizendo, que, **no Mundo, não há homossexualidade possível. Ela só é possível aonde**

ninguém vai querer praticar sexo senão aquele do “Haver querendo transar com não-Haver” – isto é *homo-sexual*: todos têm o Mesmo lugar.

Então, a tal psicanálise, a tal MetaPsicologia, é uma Arte? Sim, é absolutamente artística, não sobrevive sem *invenção* permanente. É uma Ciência? Sim, não sobrevive sem *investigação* permanente. É um *pensamento*? Sim. Falo deste modo para não falar em filosofia, pois esta não é porra nenhuma, é apenas o teatro de alguém. Se quiserem dizer que a teoria freudiana, a teoria lacaniana ou a minha podem ser tratadas como filosofia, pouco me importa. Mas a psicanálise não pode ser tratada assim. Quando definem algo como arte, estão traçando fronteiras que, na verdade, não existem de fato, são jogos de Mundo, de mercado, de interesse. Não vemos por aí tantos artistas que não estão inventando nada, filósofos que não estão pensando nada, cientistas de boteco com emprego na universidade...?

• P – *Em seu Seminário Rebelião dos Anjos, de 2007, você fez a distinção entre Conhecimento Absoluto, conhecimento compreensivo e colocou um terceiro, o conhecimento científico, mas, depois, disse que este estava no conhecimento compreensivo.*

Não abro mão do *Conhecimento Absoluto*. Há *Conhecimento Absoluto*. O idiota do Heidegger parece que não entendia isto muito bem e chamou de *Dasein* –, mas não é a mesma coisa. Na religião católica, por exemplo, afirma-se que Deus está dentro de você. Isto é *Conhecimento Absoluto*, só que eles não sabiam. Quem está aqui,

sabe, absolutamente, o que é esse *estar*, o *Dasein* – mas, por favor, não peguem a definição de Heidegger. Esse Conhecimento Absoluto é Causa de todos os outros conhecimentos, fica nos aporrinhando. Seu nome, em última instância, é: Exasperação. É porque *sabemos* disso que somos exasperados. Sobretudo, no sentido do verbo *saber* português: sentir, conhecer esse *gosto*.